

Os tripódes do Castelo de Castro Marim¹

Pedro Rigueiras Lourenço

Estudante de Licenciatura na Faculdade de Letras de Lisboa

Enquadramento histórico e geográfico do sítio do Castelo de Castro Marim

O sítio arqueológico do Castelo de Castro Marim localiza-se no Distrito de Faro, no Concelho de Castro Marim.

O Castelo está erigido numa colina de forma irregular com cerca de 42 m de altitude, na margem direita do Guadiana. Nos dias de hoje, está rodeado de terra firme e alguns sapais, testemunho da extensão que o rio teria tido na antiguidade.

A geografia e topografia do “Cerro do Castelo” propiciam excelentes condições naturais de defesa, e daí que do seu topo se domine visualmente um vasto território, que engloba a entrada do Guadiana e uma larga porção de mar (Arruda, 1997: 109). Assim, o sítio teria a navegação facilitada, o que à partida incentivaria o comércio e logo a deslocação de bens e pessoas para o interior não só por via fluvial, mas também possivelmente por via terrestre.

Os trabalhos arqueológicos aí efectuados revelaram uma extensa ocupação humana, que remonta ao Bronze Final, sendo particularmente intensa durante a Idade do Ferro e Época Romana (Arruda *et al.*, 2004: 154).

A ocupação da primeira metade do I milénio a.C. é profundamente marcada pelas influências orientalizantes. Assim, pelo menos a partir dos inícios do século VII a.C., os habitantes entraram em contacto com os colonos fenícios então já instalados na região gaditana (Arruda *et al.*, 2004: 154). Por outro lado, deve insistir-se que a realidade sidérica do Castelo de Castro Marim revela inúmeras afinidades com o que foi encontrado em sítios da Andaluzia Ocidental.

A interpretação funcional dos tripódes e sua distribuição geográfica

Os tripódes são peças características do repertório das produções fenícias no Mediterrâneo Ocidental. Surgem tanto em ambientes coloniais, como em sítios indígenas orientalizantes (Arruda, 2000: 4-31). No entanto, são mais frequentes em povoados do que em

¹ Trabalho realizado no âmbito do projecto “Castro Marim e o seu território imediato durante a Antiguidade”, aprovado e financiado pela FCT, no quadro do POCTI, participado pelo Fundo Comunitário FEDER.

necrópoles. Este tipo de produções imita a forma fenícia Oriental, que cronologicamente se insere no século IX a.C. (Botto, 1998: 226). Estas últimas caracterizam-se por serem essencialmente feitas de pedra e pelo arranque do pé se situar junto ao bordo.

Nas produções em cerâmica, os três pés, elevados, cuja a secção pode variar, podendo ser de tendência quadrangular, trapezoidal ou triangular, dispõem-se de forma radial na parte inferior. A superfície interior do recipiente é côncava, ganhando assim um corpo em forma de elipse. O bordo é normalmente de secção triangular, apesar de outros tipos estarem também documentados, nomeadamente bordos simples com caneluras na sua parte superior. A superfície exterior de alguns exemplares mostra sinais de tratamento, que normalmente não passa de um engobe vermelho ou branco, havendo também registo de outros com decoração pintada em bandas e também com decoração incisa em forma de espiral no exterior da peça.

A funcionalidade destes recipientes nem sempre foi consensual, tendo sido já apresentadas várias hipóteses possíveis. À já antiga proposta de Jodin – os tripodes serviriam como suporte a outros recipientes de maior dimensão, como as ânforas – contrapôs-se, mais recentemente a sua utilização como almofarizes, dos quais se distinguem, apenas, pela forma geral e/ou pela presença dos pés (Curia *et al.*, 1999: 185)

Mais recentemente, efectuou-se a divisão entre almofariz-trípode, taça-trípode e prato-trípode (Vives-Ferrandiz, 2005). Os almofarizes-trípodes teriam um bordo estreito de disposição oblíqua ou horizontal, com uma canelura na parte superior deste, e os pés situam-se por baixo do bordo, sendo uma continuação deste. Por outro lado, as taças-trípodes teriam um bordo pendente de secção triangular, cuja parte exterior é ligeiramente convexa e os pés, dispostos radialmente na parte central da taça, podem ser de secção ovalada, triangular, trapezoidal ou quadrangular. Assim, para este autor os tripodes seriam um objecto, de certo luxo, cuja funcionalidade está relacionada com o consumo de vinho, remetendo para um cerimonial de tipo aristocrático.

No que concerne à dispersão deste tipo de cerâmica, podemos constatar a sua presença em sítios onde as influências orientalizantes são bastante acentuadas, tendo a sua presença sido identificada quer em sítios da fachada atlântica, quer em assentamentos do Mediterrâneo Ocidental.

As tripodes do Castelo de Castro Marim

Morfologia e produção

A divisão entre taças-trípodes e almofarizes-trípodes pareceu essencial no caso em estudo, atendendo às diferenciações morfológicas observadas nos exemplares da antiga *Baesuris*.

O grupo das taças-trípodes inclui o fragmento de pé recolhido na Unidade Estratigráfica [998] (Fig. 8), que apresenta uma secção quadrangular. Foi incluído neste grupo, uma vez que a sua orientação indica que seria implantado radialmente na parte central da superfície exterior do recipiente. Também incluído neste grupo, existe o fragmento de bordo exumado na Unidade Estratigráfica [1299] (Fig. 6), que morfologicamente se caracteriza por ser um bordo de secção triangular, com o lábio pendente e oblíquo e ligeiramente amendoado. É também revestido por um engobe branco em ambas as superfícies.

Outro fragmento deste grupo é o exemplar pertencente à Unidade Estratigráfica [747] (Fig. 7), caracterizado por ter um bordo de secção triangular, com o lábio ligeiramente pendente e amendoado.

Dentro desta realidade das taças-trípodes, incluímos também os fragmentos recolhidos nas Unidades Estratigráficas [280] (Fig. 4) e [296] (Fig. 5). No primeiro dos casos, o bordo é de secção triangular, com lábio ligeiramente oblíquo e pequena concavidade na sua superfície exterior. O pé tem tendência trapezoidal e na sua superfície exterior existe uma decoração incisa. O outro, também de bordo triangular, apresenta, contudo, lábio pendente e exvertido e o pé secção triangular, tem a forma de pirâmide invertida.

Ainda englobados neste conjunto, temos que ter em consideração os exemplares recolhidos nas campanhas da década de oitenta do século XX, pertencentes ao nível sete do quadrado D3 (Fig. 3), destacando-se aqui um pé de secção trapezoidal, que, segundo a sua orientação, seria implantado radialmente na parte central da superfície externa. O outro exemplar tem conservado o seu perfil completo, onde se destaca um bordo de secção triangular, com o lábio pendente e oblíquo. Os seus pés possuem uma forma geral prismática e secção triangular. Na superfície externa, verifica-se a existência de uma decoração incisa em forma de espiral e também um ligeiro polimento. Na sua superfície interna, denota-se um elevado número de elementos não plásticos bastante salientes, o que nos levou a ponderar a hipótese deste recipiente ter servido para a moagem. No entanto, a sua morfologia aponta para a realidade das taças-trípodes.

No que concerne aos almofarizes-trípodes, apenas existe um exemplar, recolhido na Unidade Estratigráfica [89] (Fig. 10). Este caracteriza-se por ter um bordo com lábio ligeiramente pendente e oblíquo. O pé apresenta uma secção circular. Aqui destaca-se uma característica deste tipo de recipientes, pois o pé situa-se por baixo do bordo, sendo uma continuação deste.

No que se refere à produção dos exemplares em análise, as características macroscópicas das suas pastas parecem indicar um fabrico ocidental.

Enquadramento crono-estratigráfico dos exemplares de Castro Marim

A recolha dos exemplares em estudo em contextos estratigráficos, onde surgem

associados a outros materiais, permite a sua análise também de acordo com as diferentes fases de ocupação da Idade do Ferro documentadas no Castelo de Castro Marim.

Assim, começando pelas fases mais antigas, temos dois exemplares pertencentes à fase III. Esta fase de ocupação é “constituída por dois espaços edificadas, com orientações distintas e entre os quais se documentou uma ampla área descoberta. Sendo a única fase onde se documentou *in situ* a utilização de tijolos de adobe” (Arruda *et al.*, 2004: 32).

O fragmento de um pé de uma taça-trípode, exumado da Unidade Estratigráfica [998] (Fig. 8), tem associado um conjunto de materiais arqueológicos, nomeadamente taças e grandes recipientes de cerâmica comum; pratos, taças e uma taça carenada com as superfícies cobertas de engobe vermelho; taças de cerâmica cinzenta; ânforas; taças em cerâmica manual polida; e um prato de cerâmica pintada em bandas.

O outro exemplar pertencente a esta fase de ocupação é um fragmento de bordo de uma taça-trípode exumada da Unidade Estratigráfica [1299] (Fig. 6), cujos os materiais arqueológicos associados são: taças de cerâmica comum; pratos e taças de cerâmica de engobe vermelho; taças de cerâmica cinzenta; um grande recipiente de cerâmica pintada em bandas; ânforas; taças e grandes recipientes de cerâmica manual e uma taça em cerâmica manual polida.

Tendo em consideração a morfologia das nossas taças-trípodes e os contextos arqueológicos em que está envolvida, e ainda a síntese crono-morfológica que este tipo de vasos já inspirou para o Cerro del Villar (Curia *et al.*, 1999: 185)

Podemos talvez enquadrar estes fragmentos numa realidade cronológica dos inícios do século VI a.C.

A fase IV de ocupação da Idade do Ferro, é o “momento onde se registou uma maior extensão da área edificada bem como de maior número de compartimentos” (Arruda *et al.*, 2004: 18). Desta fase de ocupação temos três fragmentos de bordos pertencentes a taças-trípodes.

O fragmento exumado no estrato de derrube [747] (Fig. 7) tem associados materiais arqueológicos como: taças e um prato de cerâmica comum; um prato e uma taça carenada de cerâmica cinzenta; ânforas; dois fragmentos indeterminados de objectos de cobre/bronze; um *pithoi*; taças de cerâmica manual; pratos e taças de cerâmica de engobe vermelho.

O fragmento pertencente à unidade estratigráfica [280] (Fig. 4) está envolvido por uma realidade arqueológica onde se destaca a presença de: um cossoiro; dois grandes recipientes e uma taça de cerâmica manual; uma taça de cerâmica cinzenta; e um fragmento de ovo de avestruz.

Da Unidade Estratigráfica [296], onde se recolheram: um *pithoi*; duas taças de cerâmica pintada em bandas; uma taça de cerâmica manual polida; pratos e taças de cerâmica de engobe vermelho; um fragmento inclassificável de um objecto em bronze/cobre – é proveniente um fragmento de taça-trípode (Fig. 5).

Os exemplares exumados nesta fase de ocupação, bem como o restante espólio arqueológico a eles associados, remetem para uma realidade cronológica da segunda metade do século VI a.C., tendo também em conta a sistematização de Curia *et al.* (1999).

A fase V de ocupação do sítio arqueológico do Castelo de Castro Marim corresponde ao momento mais recente de ocupação da Idade do Ferro. Aqui, os “*compartimentos definidos sugerem uma preocupação na organização do espaço, na medida em que têm uma orientação semelhante, no sentido NO-SE, formando em alguns casos zonas de passagem entre eles*” (Arruda *et al.*, 2004: 10).

Desta fase, apenas foi encontrado um fragmento de um almofariz-trípode, exumado na Unidade Estratigráfica [89] (Fig. 10), no interior do compartimento 31. Este exemplar está inserido numa realidade arqueológica muito particular, pois trata-se de um depósito cerâmico, onde foram recolhidos espólios abundantes e diversificados, nomeadamente: 49 contas de colar; 29 fragmentos de cerâmica ática (uma *Stemless Cup*, sete fragmentos pertencentes a *Kylikes* e oito taças *Cástulo*); 76 fragmentos de cerâmica cinzenta (taças, taças carenadas e grandes recipientes); 32 fragmentos de cerâmica comum (pratos de peixe, taças e grandes recipientes); uma taça de cerâmica pintada em bandas; 51 pesos de rede; 56 ânforas entre as quais se destaca as da forma 11.2.1.3. de Ramón Torres; um esférico e um grande recipiente de cerâmica manual; uma taça de cerâmica manual polida; cinco taças de cerâmica de engobe vermelho; 12 fragmentos de cabos em madeira; um artefacto em osso; uma fíbula anular hispânica, um anzol, duas agulhas, duas placas circulares e uma placa rectangular de bronze/cobre; dois objectos indeterminados de ferro; e um objecto indeterminado de chumbo.

A análise dos materiais recuperados nesta unidade indicou que a sua formação ocorreu no século V a.C. (Arruda *et al.*, 2006: 480).

Para além destes exemplares recolhidos nas escavações efectuadas nos anos 2000 a 2003, há também que ter em consideração dois exemplares exumados nas campanhas efectuadas na década de oitenta do século XX. Destes, destacam-se um pé de trípode, e um exemplar conservado na sua totalidade. Foram recolhidos nos níveis inferiores do quadrado D3 (Fig. 3), integrando uma realidade, onde está presente a cerâmica pintada em bandas, a cerâmica cinzenta, a cerâmica comum, e ânforas tipo 10.1.1.1 e tipo 10.1.2.1. Estes dados permitem enquadrar cronologicamente os exemplares agora alvo de estudo num momento localizado em torno ao início do século VI a.C.

As tripodes de Castro Marim no âmbito das produções similares em sítios de cariz orientalizante

Os exemplares recolhidos no Castelo de Castro Marim devem ser ainda analisados num âmbito mais vasto, concretamente o de outros sítios ocidentais de matriz orientalizante.

Os melhores paralelos formais para os fragmentos de Castro Marim encontram-se em sítios como Huelva, Cerro del Villar, Peña Negra, Vinarragell, Cartago e Ibiza.

Considerações finais

Os dados atrás apresentados permitem algumas observações finais.

Importa começar por referir a evidência de um maior número de taças-trípodes em relação a um único exemplar de almofariz-trípode. Esta situação pode revelar-nos uma utilização ritual das taças-trípodes, pois estas estariam directamente relacionadas com o consumo de vinho, fazendo parte de um ritual designado “beber vinho à *Síria*”. No entanto, o vinho não seria bebido pela trípode, servindo este recipiente apenas para com ele misturar outros aromatizantes (Vives-Ferrandiz, 2005: 1357). Esta situação está bem documentada na análise das taças-trípodes dos níveis inferiores do quadrado D3, bem como nos exemplares das Unidades Estratigráficas [280] e [296]. Com efeito, a presença muito significativo de elementos não plásticos na superfície interna de ambos, pode indicar essa prática. Para esta hipótese pesou também o facto dos fragmentos de Castro Marim estarem associados a ânforas possivelmente destinadas ao transporte de vinho, como as 10.1.1.1 e 10.1.2.1 da tipologia de Ramón Torres.

A relação das taças-trípodes de Castro Marim com um qualquer ritual de tipo aristocrático ou outro, é contudo tema de abordagem difícil. No entanto, um deles foi recolhido num depósito cerâmico, de características talvez votivas U.E. [89], e a associação dos restantes a uma área cultural específica parece provável. Com efeito, a existência, na área escavada e em vários momentos da diacronia sidérica, de estruturas que foram interpretadas como altares foi argumento que serviu de base a hipótese de se estar perante uma área cultural (Arruda *et al.*, 2006: 480). Por outro lado, o exemplar recolhido no depósito trata-se de um almofariz-trípode, que de acordo com a sua morfologia é uma derivação dos exemplares fenícios fabricados em pedra, em que os pés são uma continuação do bordo, o que pode sugerir que aquele, tal como estes, teria sido utilizado por colonos fenícios pertencentes a uma elite aristocrática.

Parece também importante salientar o facto de as taças-trípodes aparecerem em primeiro lugar, nos inícios do século VI a.C., e somente no século V se ter identificado a presença de um almofariz-trípode. Esta situação pode ser mera coincidência, pois a distinção entre taça-trípode e almofariz-trípode não corresponde a uma evolução tipológica, onde um tipo é antecedente de outro. Pelo contrário, ambas as formas são independentes na sua morfologia e produção.

No que concerne ao tratamento, deve destacar-se a presença de engobes brancos nas superfícies de alguns exemplares. Este tipo de tratamento remete para duas realida-

des distintas: uma, onde teria função exclusivamente decorativa, outra, funcional, servindo para ajudar a um melhor escoamento do seu conteúdo.

Convém ainda salientar uma curiosidade que podemos observar nos exemplares de Castro Marim: a sua decoração incisa em forma de espiral (Figs. 3 e 4). Esta característica revela-se única nos exemplares estudados e analisados, não tendo sido encontrado qualquer paralelo no que se refere a este tipo de decoração.

As afinidades com outros sítios, de cariz orientalizante, quer do Atlântico quer do Mediterrâneo Ocidental que Castro Marim evidencia na primeira metade do I milénio a.C. tornam-se ainda mais claras com o estudo dos vasos tripodes aí recolhidos, podendo corresponder a um importante entreposto comercial localizado entre os sítios ao longo da costa meridional peninsular e os sítios interiores situados nas margens do rio Guadiana.

Bibliografia

- ARRUDA, A. M. (1997) – *As Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim*. Colibri: Lisboa.
- ARRUDA, A. M. (2000) – *Fenícios e Mundo Indígena no Centro e Sul de Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Lisboa. Exemplar policopiado.
- ARRUDA, A. M. & FREITAS, V. T. (2001) – *Relatório dos trabalhos de campo de 2000*.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T.; OLIVEIRA, C.; PEREIRA, R.; BARGÃO, P. & SOUSA, E. (2004) – *Relatório dos trabalhos de campo de 2003*.
- ARRUDA, A. M.; FREITAS, V. T. & OLIVEIRA, C. (2006) – “Os fenícios e a urbanização no extremo ocidente: o caso de Castro Marim”. *Las ciudades fenicio-púnicas en el Mediterráneo occidental*. Centro de Estudios Fenicios Púnicos. Almería.
- ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. & PEREIRA, R. (2006) – “A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana”. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 13.
- BOTTO, M. (1998) – *I Contatti fra le colonie Fenicie di Sardegna e l'Etruria Settentrionale attraverso lo studio della documentazione ceramica*. Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali. Roma.
- AUBET, M. E.; CURIÁ, E.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ, A. & PÁRRAGA, M. (1999) – *Cerro del Villar 1 (El asentamiento fenicio en la desembocadura del río Guadalhorce y su interacción con el hinterland)*. Junta de Andalucía: Consejería de Cultura. Sevilla.
- RAMÓN, J. (1995) – *Las anforas fenicio-púnicas de mediterráneo central y occidental*. Universitat de Barcelona. Barcelona.
- SÀNCHEZ, J. V. (2005) – “Trípodes fenicios entre el ebro y el segura: nuevas perspectivas”. *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida.
- SÀNCHEZ, J. V. (no prelo) – “Trípodes, anforas y consumo de vino: acerca de la actividad comercial fenicia en la costa oriental de la Península Ibérica”. *Revista di Studi Fenici*.

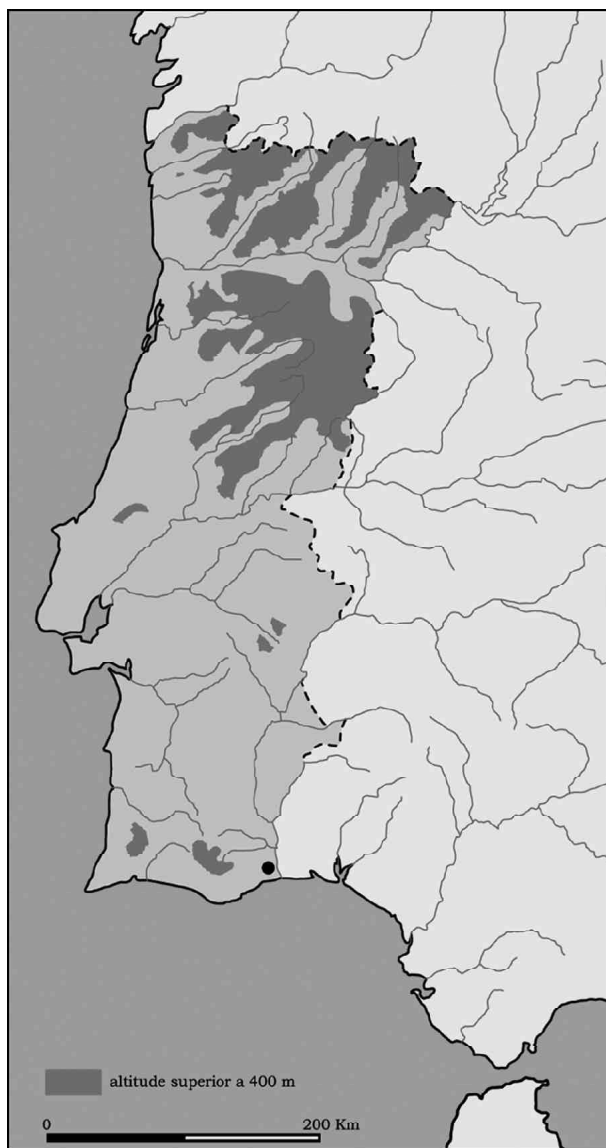


FIGURA 1. Localização geográfica de Castro Marim.

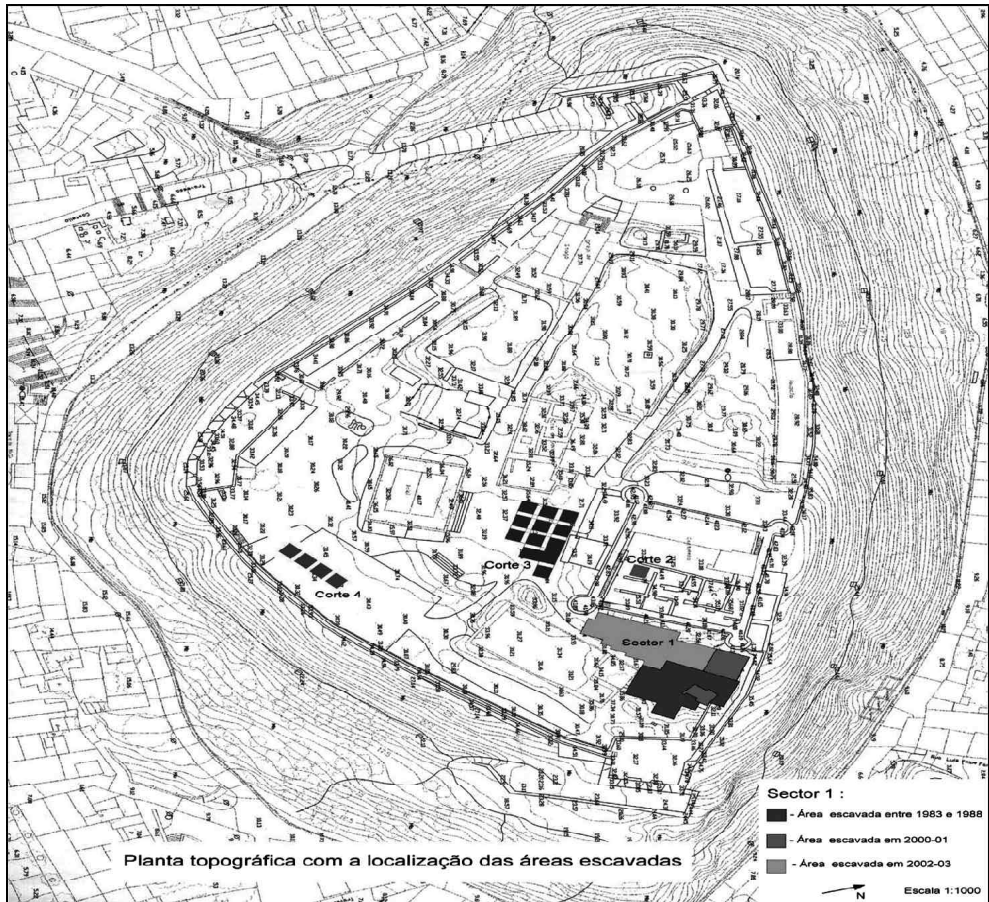
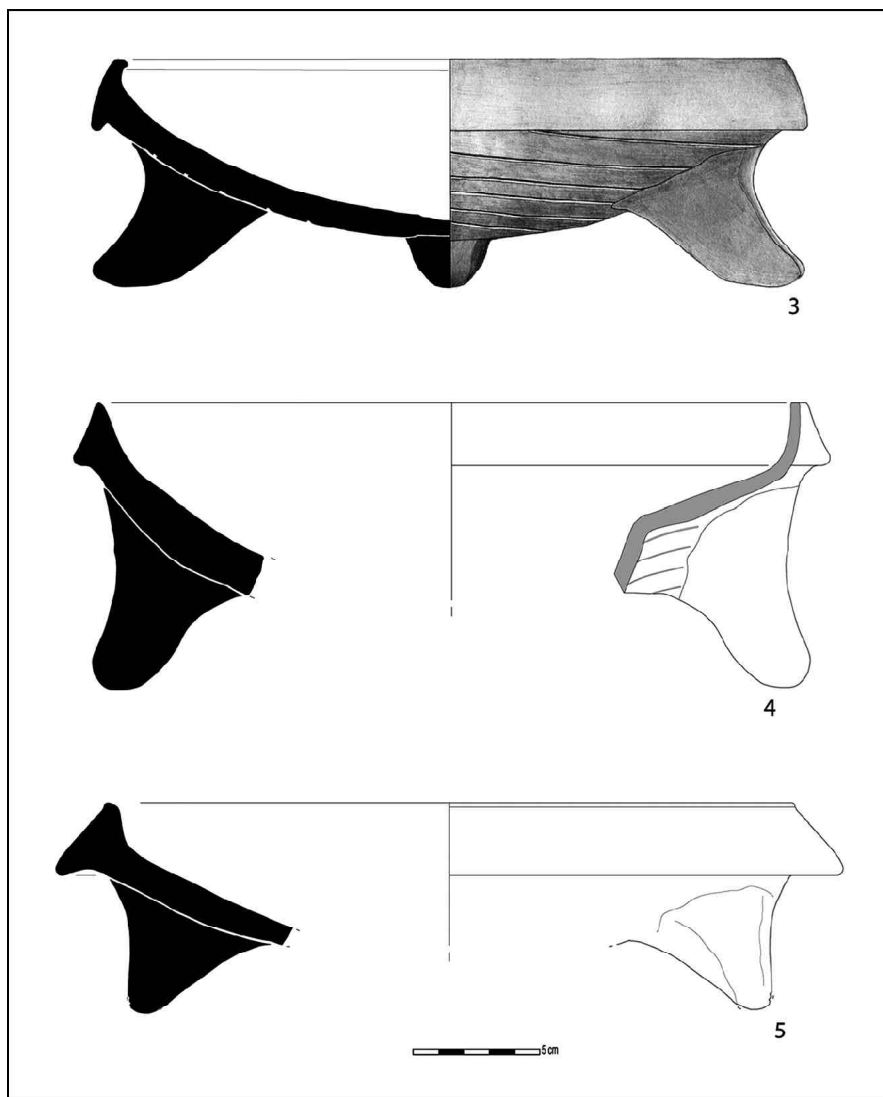
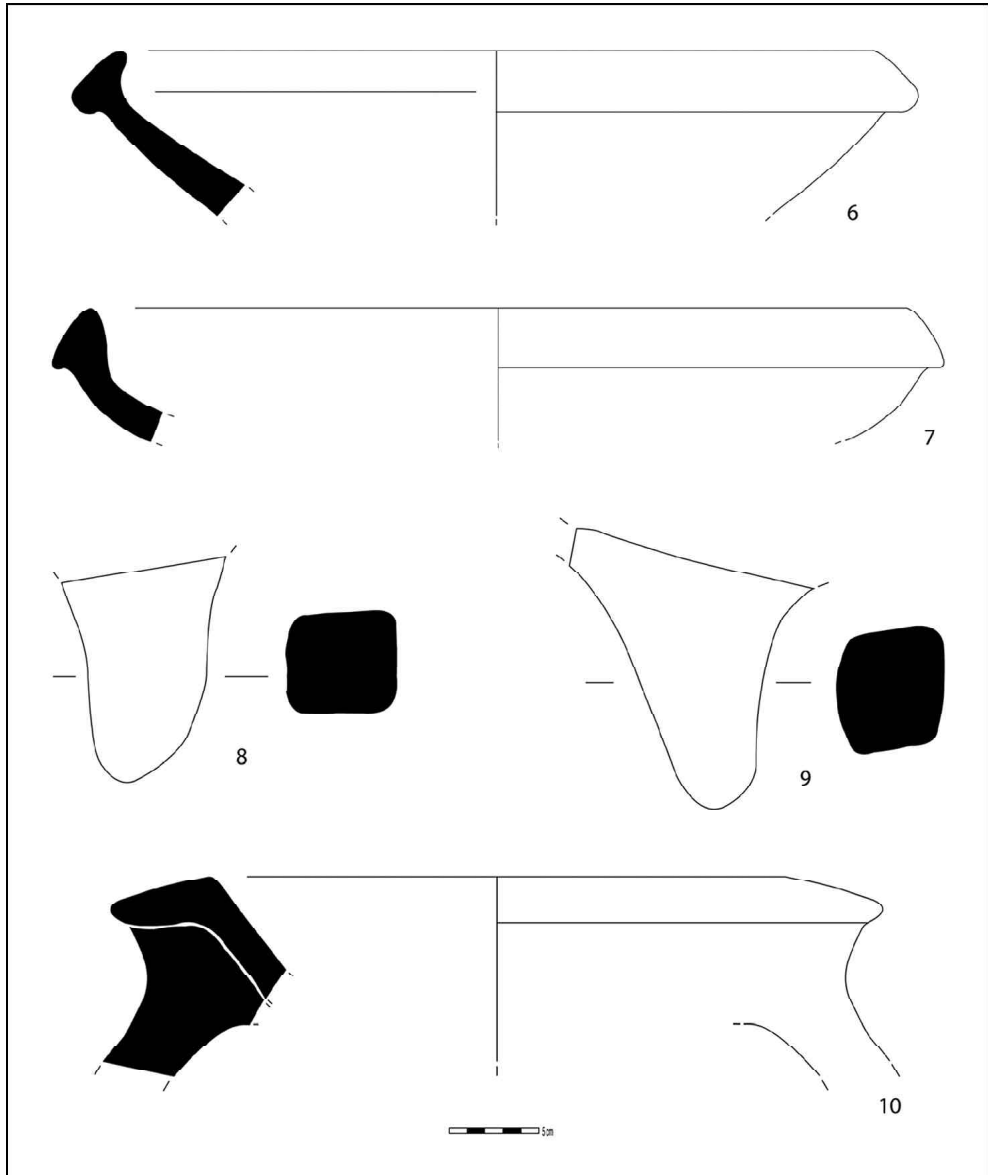


FIGURA 2. Planta Topográfica do Castelo com a localização das áreas escavadas.



FIGURAS 3-5. 3 – Trípode proveniente do quadrado D3 nível 7 com o número de inventário 2272; 4 – Fragmento de trípode proveniente da Unidade Estratigráfica [280], com o número de inventário 1775; 5 – Fragmento de trípode proveniente da Unidade Estratigráfica [296], com o número de inventário 2800.



FIGURAS 6-10. 6 – Fragmento de trípede proveniente da Unidade Estratigráfica [1299], com o número de inventário 14668; 7 – Fragmento de trípede proveniente da Unidade Estratigráfica [747], com o número de inventário 15000; 8 – Fragmento de pé de trípede proveniente da Unidade Estratigráfica [998], com o número de inventário 14428; 9 – Fragmento de pé de trípede proveniente do quadrado G3 nível 2, com o número de inventário 14428; 10 – Fragmento de trípede proveniente da Unidade Estratigráfica [89], com o número de inventário 2037.